Anno 16.º — Sabado, 28 de Abril de 1923 — N.º 774

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE DA EMPREZA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. «Progresso» a electricidade—Largo Luiz de Camões – AVEIRO.

Redacção e Administração
R. Miguel Bombarda, n.º 21
AVEIRO

Melhoramento de valia

A Companhia do Caminho de Ferro do Vale do Vouga assentou definitivamente em ampliar a sua rêde ferro-viaria pelo que já enviou a esta cidade o seu director, engenheiro sr. Cabral e o sr. Brugges, que escolheram o sitio para a estação a construir, junto do Passeio Publico, onde egualmente ficarão os escritorios e oficinas de reparação.

Daqui partirá, segundo o projecto elaborado, um ramal para Ilhavo, que atravessará a Gafanha e servirá a nossa barra, não sendo menos importantes os beneficios que deve prestar ás povoações cujos interesses tende a auxiliar, desenvolvendo e abrindo novos horisontes ás suas aspirações.

O Democrata, que acima de tudo coloca o progresso da grande circunscrição que o tem por orgão na imprensa, congratulando-se pela resolução tomada na Companhia do Vale do Vouga, faz votos ardentes por que breve se vejam transformados em realidade todos os seus planos, a que não negará apoio, antes se acha disposto a auxiliar sem reservas, como é proprio da sua desinteressada acção jornalistica.

Congresso democratico

Teve logar em Lisboa uma reunião magna do partido democratico que juntou todos os seus elementos para a discussão de assuntos respeitantes a esse organismo politico, que teve muitos anos por orientador o sr. Afonso Costa.

Do que foram, porêm, as seis sessões realizadas não o queremos dizer nós se bem que, atravez do relato dos jornais, logo se veja o espirito de seita que as caracterisou.

Vamos dar a palavra a um dos congressistas, membro do Directorio cessante e republicano da velha guarda, o sr. dr. João Luiz Ricardo, que, sem temer ameaças, nem insultos, nem invectivas, assim falou antes de se encerrar a quarta sessão:

Exijo que me oiçam com a atenção a que tem direito o meu passado, a minha vida publica e particular. Já esperava o que se está desenrolando, mas venho aqui para vêr se aqueles que andam pelas alfurjas e tabernas difamando os homens publicos da Republica e até os seus correligionarios teem a coragem de repetir aqui a infamia das suas afirmações. Conheço o partido como os meus dedos e por isso já sabia que este congresso havia de dar isto: a absoluta inutilidade para o partido e para a Republica com sessões duma turba-multa e não congresso de um partido de governo. Até agora quatro sessões e nada. Só questões pessoais. Só o odio a guiar reclamações e ataques.

Tenho ouvido para aí reclamações radicais. Que é isso? Que é isso de reclamações radicaleiras? *(Apoiados e protestos)*. Eu sei bem como se conquistam aplausos. Não vim para receber os vossos aplausos. Vim para falar a homens que devem ser bem educados. Por mim, podia dizer como Zolá—*Eu acuso!* Mas ainda não. Tenho as minhas memorias escritas mas não as publico senão no dia em que quizer deixar a minha vida em holocausto á verdade. Porque nesse dia matam-me. Não querem a batota! Mas muitos que protestam vivem á custa do jogo. Não querem congregações. Mas muitos que as não querem teem lá os filhos a educar.

. . . .

Podia acusar. Podia acusar aqueles que falsificam actas, roubam eleições e fazem a intriga no partido, toupeiras daninhas que só servem para dividir e malsinar. Algumas dessas toupeiras estão aqui e já se prepararam para organizar um directorio radical. A esses heide persegui-los, não como maus democraticos, mas como maus portugueses. Estabeleça-se a base moral do partido!

O sr. dr. João Luiz Ricardo foi, talvez, um pouco duro em certas passagens do seu sensacional discurso. Mas o que ninguem poderá negar ao velho e austero republicano é autoridade para, em face do que vê e do que ouve, se insurgir contra tudo que não represente acções dignas por parte dos correligionarios, pondo-os assim á dependura.

Bem haja, bem hajam os que, sem papas na lingua, pugnam pelo saneamento da Republica!

FAZ BEM

O *Nem* não nos lê — diz no *Camaleão* de sabado.

Acreditâmos, sem tomar a mal, por avaliarmos quanto deve custar a vida aos engraxadores que gostam de a levar direita, como ele...

O NOSSO ANIVERSARIO

Captivantes palavras de saudação

De *A Aurora do Lima*, de Viana do Castelo:

«O Democrata»

Este nosso presado colega de Aveiro, cuja permuta com a nossa *Aurora* começou no dia da visita dos *Galitos* a esta linda terra, entrou no 16.º ano de existencia.

E' um semanario bem escrito e de agradavel plastica, dirigido e editoriado pelo sr. Arnaldo Ribeiro, intemerato defensor dos principios republicanos, que, como nós, embora nos encontremos em campo independente, deve conhecer a côr das desilusões.

Desejando prosperidades a *O Democrata*, saudâmos o seu director e quadro redactorial e fazemos votos por que muitos mais lustros contem e os contem ao seu jornal que, ainda que adolescente, já deve ter creado raizes no coração dos que nele e para ele trabalham.

De *O Povo de Basto*, de Celorico de Basto:

«O Democrata»

Completou mais um ano de existencia o nosso colega de Aveiro *O Democrata*, semanario republicano-independente de que é director o nosso amigo sr. Arnaldo Ribeiro. Antigo orgão do P. R. P., *O Democrata*, mais, de certo, por circunstancias da vida politica local em que teve de sustentar rijas campanhas nem sempre coroadas de exito contra a orientação de certos adesivos que queriam predominar sobre os republicanos historicos, do que por um exagerado pessimismo, embora sincero na apreciação de factos e processos do P. R. P. desligou-se deste grande baluarte da Republica ao qual agora vivamente combate.

Sem embargo, *O Democrata* mantem-se ao lado do regimen e tem sobretudo afirmado, com singular coerencia um rasgado espirito anti-clerical em que Arnaldo Ribeiro, caracter austero e energico lutador, bons serviços vem prestando á causa republicana.

Por isso nos regosijâmos com o seu aniversario e cumprimentamos o digno director de *O Democrata*,

"Lobos do Mar,,

Promovida pela importante folha da capital, *Diario de Noticias*, realisou-se no dia 20, no sumptuoso Teatro S. Carlos uma festa grandiosa de homenagem á heroicidade lusitana a que assistiu o sr. Presidente da Republica e na qual fizeram uso da palavra, enaltecendo o valor da Raça em termos fulgurantes de brilho, os srs. drs. Cunha e Costa e Leonardo Coimbra.

Do nosso distrito tomaram parte na consagração *O Aveiro*, patrão do salva-vidas *Leixões* ainda ha pouco agraciado com as insignias da Torre e Espada pelo governo e o velho arraes Ançã, do proximo concelho de Ilhavo, onde vive já vergado ao peso dos anos, mas cheio de desvanecimento pelos serviços prestados como homem do mar que sempre foi.

De regresso ao norte, José Rabumba apeou-se, no domingo, na *gare* desta cidade onde o aguardavam as duas bandas de musica e avultado numero de conterraneos, que lhe fizeram entusiastica manifestação, acompanhando-o ao teatro afim de o ovacionar pelos seus feitos heroicos, que tanto o honram e á terra que lhe foi berço.

O dr. Alberto Ruela, assumando á ribalta, faz um curto mas bem arquitetado discurso de saudação a *o Aveiro*, a quem exalta pela sua extraordinaria coragem e felicita pelas merecidas recompensas com que o tem distinguido.

Segue-se o professor, sr. Agostinho de Sousa que, como sempre, produz uma oração empulgante, começando por saudar José Rabumba como uma das mais vigorosas encarnações da heroicidade portuguêsa. Depois diz que na hora sinistra de duvidas e de presagios, na hora dos maritimos, entre a estridencia tragica dos ciclones, ele sabe desafiar a Naturêsa em furia, repelir a Morte, reerguer Vidas, renovar as vitimas. No peito do homenageado, acentua o orador, filho do povo como é, palpita, em toda a sua purêsa nativa, a alma do povo, desse mesmo povo que, em pleno seculo XVI, se atirou doidamente para o mar e viu abrir-se-lhe, de par em par, as portas de oiro da India.

E numa sequencia de ideias que não é facil reproduzir com todo o natural encanto da palavra falada, fez a apologia de Portugal-simbolo, de Portugal-Eternidade, de Portugal de grandes e transformadores influxos épicos e stoicos, finalisando por exalçar a fé, o civismo e a coragem de José Rabumba em procurar amar o proximo mais do que a si mesmo, arriscando a vida para salvar vidas alheias, isto de envolta com uma calorosa saudação á Patria redimida com o sangue e sacrificio dos seus filhos, apezar dos sombrios pavores da derrocada da hora presente, em que a mais sordida ganancia e o egoismo mais desenfreado campeam ingloriamente, pondo em jogo a tradição e as virtudes ancestraes da Raça, tudo ameaçar subverter.

O sr. Agostinho de Souza, que é calorosamente aplaudido, remata assim a improvisada homenagem dos aveirenses ao seu valoroso conterraneo a quem é feita nova ovação, retirando do teatro entre palmas e vivas do numeroso publico que, por completo, o enchia.

A Ria de Aveiro e as suas origens

IV

Não me permitiram ainda nem as minhas observações directas sobre o terreno nem os meus estudos sobre as cartas e sobre os trabalhos dos escritores autorisados, assentar numa explicação segura ou, pelo menos, satisfatoria e completa, da orientação do segmento inferior do curso do Vouga.

E no entanto este problema —como tantos outros que me limito a assinalar — não pode ser descurado no estudo da formação da Ria de Aveiro.

O Vouga vem desde a região granitica no sentido N E—S O como quasi todos os rios do norte de Portugal. Atravessa os chistos do paleozoico e os grés do triassico na mesma direção. Em frente de Eirol, porêm, inflete e dirige-se para o Norte como se tivesse encontrado na sua frente um obstaculo insuperavel.

A' primeira vista parece que esse obstaculo existe, e que a muralha de grés que das proximidades da Pateira de Fermentelos se estende até Eixo, deveria opôr-se a que o Vouga seguisse direito ao mar e abrisse a sua foz, logica e consequente, entre Vagos e Mira.

Mas não; a configuração dessas trincheiras de arenitos vermelhos do triassico que põem na paisagem das margens do nosso *Rio Doce* uma nota tão pitoresca, parecendo labios descarnados duma ferida enorme, é devida a ação erosiva e violenta do curso de agua que talhou á força na rocha um sulco e um leito.

Aqui desconfio eu, tambem, de um levantamento vagaroso segundo a vertical em contraposição com um movimento de descida nos terrenos da foz do Vouga. Seja como fôr, o Vouga, o Agueda e o Certima tiveram um trabalho identico sobre o triassico e esse trabalho deve ter sido posterior á epoca pliocenica.

No que não podemos deixar de reparar é na concordancia entre a direção do curso de Certima, a direção do curso inferior do Vouga e a linha Angeja—Ovar para oeste da qual se encontram os terrenos modernos.

Haverá aqui uma fractura?

Essa linha apresenta uma certa analogia com a orientação dos afloramentos lineares que seguem por Coimbra até Tomar e parece ter sido traçada não apenas pelo capricho modelador dos rios mas por forças mais complicadas. Choffat fala nas deslocações que se deram no contacto dos terrenos antigos com a orla meso-cenozoica.

A ipotese do levantamento da Serra do Caramulo, desenvolvida pelo sr. dr. Amorim Girão, levantamento que se teria produzido nos fins do terciario ou começos do quaternario, é muito para ponderar tambem pelas suas possiveis consequencias sobre a orientação do Certima e a formação dos cursos do Agadão e Alfusqueiro e do modelado das suas bacias.

Estes rios—ou os seus antecessores—deveriam ter tido uma grande importancia, principalmente no fim dos periodos glaciares e durante o periodo do quaternario, e muito pode ter influido o caudal das suas aguas para o desvio tão confrafeito e acentuado do curso do Vouga, devendo por certo atribuir-se-lhes a grande quantidade de calhaus rolados de Agueda e cercanias.

O que se verifica é que a corrente projectada desde Eirol no sentido noroeste, isto é no sentido Eirol-Ovar, resultante da confluencia do Certima, Agueda e Vouga, com um volume de agua e uma força de que não poderemos fazer ideia pelo caudal e velocidade actuais, auxiliou tambem de forma notavel o trabalho de destruição da costa e escavação da ria.

A ação desta corrente explica tambem um pouco a razão porque no paralelo de Fermelã se encontra uma tão grande largura de terrenos modernos, pois que a natureza das rochas do senoniano não justifica a resistencia oferecida ao desgaste das correntes marinhas e ao embate das ondas pelas terras do norte de Esgueira e Cacia.

A corrente do Vouga — chamemos-lhe assim—começou a sofrer um desvio para oeste e sul e gradualmente se foi curvando, afastando-se da linha de fractura de que atraz desconfiámos ou, pelo menos, com mais rigor, da linha Bussaco-Ovar para leste da qual se encontram os terrenos paleozoicos.

Esse desvio foi produzido do lado do nascente pelos entulhos das margens; do lado do norte pela ação da corrente marinha que ia carreando para o sul, encostando-as á costa, as areias vomitadas pelo Douro.

A' duna que ainda se vê hoje ao norte de Estarreja e entre Estarreja, Pardilhó e Ovar, debruada a poente pelos lodos do Bunheiro, não pode dar-se uma origem posterior á formação desses lodos. A deposição de materiais fez-se, portanto, de nascente para poente e do norte para sul.

As vagas e os movimentos do sólo fizeram o resto—ajudaram a formação do delta ao sul do qual se juntaram as areias do cabedelo da Gafanha.

Sem nos determos na descrição do mecanismo deltigeno, visto não pertencer á indole deste estudo substituir os tratados de geografia, não deixaremos de desenvolver noutro artigo alguns dos pontos hoje versados.

Continuaremos, pois, na tentativa sobre o ciclo de preenchimento.

Alberto Souto.

Teatro Aveirense

Espera-se que venha representar nos primeiros dias de maio a esta cidade a companhia Lucilia Simões-Erico Braga, em *tournée* pelo norte, constando-nos que a direção do teatro tambem se empenha por trazer aqui a grande osquestra sinfonica portuguêsa dirigida pelo notavel maestro Pedro Blanch e um grupo de cantores de opera lirica que, sob a direcção da distinta suprano Helena Fons, fará ouvir os melhores trechos da *Aida*, *Carmen* e *Trovador*.

Notas mundanas

Encontra-se já na sua casa de Lisboa, vindo de Loanda, onde fôra por virtude dos seus negocios, o nosso querido amigo e prestimoso aveirense, Francisco Vieira da Costa, a quem abraçâmos, compartilhando da alegria experimentada por aqueles que mais estremosos lhe são.

— Tem andado por terras de Espanha, visitando Sevilha e outros pontos do visinho reino, o distinto sportmen *Mario Duarte.*

— Esteve em Aveiro o nosso conterraneo David Bernardo, residente ha muitos anos na capital.

— Consorciou-se na quarta-feira com o sr. Pedro Orajeau Ribeiro Lopes, natural de Vouzela, a sr.ª D. Maria Alda Campos Salgueiro, filha do antigo representante da Companhia dos Tabacos nesta cidade, sr. João Campos da Silva Salgueiro, já falecido, e irmã dos srs. Antonio, Egas e Livio Salgueiro.

Testemunharam tanto o acto civil como o religioso, este efectuado pelas 11 horas na paroquial da Gloria, os paes do noivo, a mãe e o irmão Livio da noiva, que vestia uma rica toilette *e foi acompanhada á igreja por lusido cortejo em que tomaram parte bastantes trens.*

A sr.ª D. Alda Salgueiro, que nos dizem ser uma menina educada segundo as regras mais adquadas á vida domestica, partiu, com seu marido, a passar a lua de mel fóra da terra, iniciando assim os dias venturosos que almejâmos ao novo casal.

— Fizeram anos no dia 25 a sr.ª D. Palmira de Moraes Sarmento Lima, dedicada esposa do snr. João da Rosa Lima e o major-medico, dr. Antonio do Nascimento Leitão, nosso presadissimo amigo e conterraneo, atualmente director do Laboratorio de Radiologia em Macau.

"A questão de Aveiro,,

O congresso democratico tambem se ocupou da *questão de Aveiro*. *A questão de Aveiro* consistia na demissão do governador civil Costa Ferreira, o qual, mancomunado com as chamadas *comissões politicas*, se preparava para encravar a sindicancia ao Muzeu, escandalosamente roubado pelo correligionario Marques Gomes.

De tudo, porém, quanto se disse sobre o assunto, no meio de enorme charivari, resalta esta frase de quem, não desconhecendo os factos, pela sua situação no partido, estava nas condições de a proferir—*a questão de Aveiro já não existe.*

Ora toma!

JURAMENTO DE BANDEIRA

Como fôra anunciado realizou-se domingo, com grande solenidade, o acto do juramento de bandeira pelos recrutas do contingente do corrente ano, cerimonia que teve logar no vasto campo do Côjo, assistindo forças de todas as armas, as associações locais, autoridades civis, escolas, liceu e muito povo, que se aglomerava em volta do recinto apezar do dia agreste, frio, quasi insuportavel.

Prestado o juramento, proferiram brilhantes alocuções os tenentes de infanteria srs. Alberto da Maia Mendonça e João Joaquim Pires, seguindo-se o desfile, em continencia, de todas as forças e convidados pela frente da Bandeira e por ultimo as provas desportivas prestadas pelos militares e ainda as evoluções de tatica e manejo de arma, que foram completas, deixando o publico surpreso deante desses variados numeros do programa.

O Democrata vende-se no *Quiosque Raposo*, praça Marquês de Pombal—Aveiro.

EM LEGITIMA DEFEZA

O sindicante ao Museu de Aveiro responde aos que o acusaram no congresso democratico

Pelo nosso velho amigo e honestissimo republicano Silverio Pereira Junior foram enviadas ao jornal *O Mundo* as seguintes cartas, cuja reprodução nos é imensamente grato fazer:

Meu caro Urbano—Mais uma vez sou forçado a apelar para a tua leal amisade, rogando um pouco de espaço do teu jornal para me defender de desliais ataques e ignobeis insinuações feitas na ultima sessão do Congresso do P. R. P., por um *ninguem*, cujo nome não cito em homenagem á memoria honrada do perfeito homem de bem e indefectivel republicano que em vida se chamou Antonio Aurelio da Costa Ferreira. Não assisti ao Congresso porque, aparecendo espontaneamente quando é necessario lutar é perigoso ser *democratico*—afasto-me, naturalmente, em periodos de calmaria. Porquê? Porque me repugna acamaradar com muitas creaturas *bons republicanos e melhores estomagos* e das quais só nos livramos quando periga a Republica ou o fisico dos sinceros republicanos. Nesse momento fogem. Fui eu o sindicante aos actos do director do museu de Aveiro. Todos o sabem. Foi, portanto, a mim que esse *ninguem*, que conseguiu celebrisar-se como governador civil de Aveiro, quando já era celebre como deputado, pretendeu atingir, afirmando, segundo leio no extracto de *O Mundo*, o seguinte: 1.º, que nunca protegeu ladrões; 2.º, que a sua demissão de governador civil nada tem que vêr com a sindicancia; 3.º, que foi demitido por querer fazer cumprir a Lei da Separação e além disso por ter negado o dinheiro que eu, mal chegado a Aveiro, requisitei pelo cofre do Museu. Com a simples transcrição de documentos oficiais, que estou autorisado a publicar, provarei: 1.º que esse *ninguem* quer as antigas comissões politicas da cidade de Aveiro, ao tempo presididas por outro congressista que ao assunto tambem se referiu, protegeram, contra mim, o ex-director do Museu, definitivamente pronunciado pelo crime de roubo, chegando o *ninguem* ao desplante audacioso de proibir que a policia continuasse a fazer apreensões de objectos do Estado vendidos, sem autorisação legal, e as comissões a protestarem contra as apreensões feitas a meu pedido, por ordem do sr. ministro da Instrução; 2.º, que a demissão do *ninguem* do cargo de governador civil se liga intimamente a sua atitude perante a sindicancia e o sindicante. Quanto á terceira parte, provarei que esse dinheiro foi, a meu pedido e ordem expressa do ministro do Interior, entregue ao conservador do Museu, José de Pinho, devendo esclarecer desde já que esse dinheiro, receita do Museu, estava indevidamente no governo civil. Amanhã, meu caro Urbano, em nova carta que em nome da nossa velha amisade te rogo publiques, para minha legitima defesa, porei o caso com correcção, verdade e clareza. Com um abraço manda sempre o teu amigo muito grato —**Silverio Pereira Junior.**

* * *

Meu caro Urbano—Os meus melhores agradecimentos pela publicação da minha carta de ontem, que é mais uma prova da tua amizade e, tambem, da solidariedade que, ainda hoje, une os antigos republicanos. Afirmou o *ninguem* que, numa hora infelicissima, foi nomeado, em tempos, governador civil de Aveiro, *que nunca protegeu ladrões*. Não é verdadeira a afirmação que no Congresso fez. Poderá dizer que *não protege ladrões* quem, como ele, abusando da sua autoridade, prejudicando o Estado, ferindo o prestigio da Republica e cobrindo de ignominia o lugar que ocupava, em oficio dirigido ao comissario, proibe a policia de continuar a fazer apreensões de objectos, propriedade do Estado, vendidos pelo ex-director do Museu, sem autorisação legal? Poderá dizer *que não protege ladrões* quem, como ele, nesse mesmo oficio, *proclama a inocencia* do ex-director, afirmando *que não ha factos criminosos?* Poderá dizer *que não protege ladrões* quem, como ele, com a responsabilidade do seu cargo, no mesmo oficio afirma que mesmo que se tratasse de objectos subtraidos, o *que lhe parece não suceder*, sentenceia que *não pode haver procedimento criminal, por se ter dado a prescrição?* Poderá dizer que não protege ladrões, quem, como ele, proibe as apreensões *no proprio momento em que se estavam realizando*, com autorisação escrita do ministro da Instrução, e *em que outras seriam por mim requeridas?* Poderá dizer *que não protege ladrões*, quem, como ele, no periodo mais agudo da sindicancia, dá tais ordens e *as torna publicas* por intermedio do jornal democratico *Debate*, orgão das comissões politicas locais? Não pode dizer *que não protege ladrões*, dando-me o direito de proclamar em alto som, *que não só os protege, como defende e encobre*. E as comissões politicas de que fazia parte na qualidade de presidente da comissão municipal, o *dr.* José Barata, que era ao tempo director do jornal *Debate* e actualmente, por generosidade do sr. dr. Augusto Nobre e minha aquiescencia, conseguida por intermedio do deputado e meu amigo sr. Tavares Ferreira, é professor provisorio do liceu de Pedro Nunes, em Lisboa—e as comissões politicas, repito, que atitude tomaram? Protestam *publicamente* contra as apreensões e em oficio datado de 9 de Agosto de 1922, dirigido ao ministro da Instrução, e assinado por *dr. José Barata*, dizem textualmente:

> O sindicante está fazendo apreensões ilegais «e com isso leva o desgosto a casa das principaes familias da cidade, que adquiriram objectos inuteis para o Museu e vendidos em hasta publica com autorisação superior». «Necessario se torna não esquecer que o Museu Regional de Aveiro, classificado o terceiro do paiz, deve muito do seu desenvolvimento ao actual sindicado».

E acrescenta: «O testemunho de Rodrigo Rodrigues, a este respeito é insuspeito». Pois bem. Vai falar o meu querido amigo sr. dr. Rodrigo Rodrigues: «autorizei, de facto, o sr. Marques Gomes a vender uma madeira velha que estava na cerca e uns armarios inserviveis». *Mas só isto determinada e taxativamente*. Ouçâmos ainda os srs. drs. Manuel Joaquim Correia, que foi delegado do Procurador da Republica em Aveiro e Jaime Magalhães Lima, presidente da comissão organizadora do Museu. Diz o primeiro: «*não autorizei* o director arguido *a vender fôsse o que fôsse* dos bens arrolados». Afirma o segundo: «*A comissão não deu autorização* para a venda de quaisquer objectos, *pois nunca lhe foi solicitada*». Dos objectos apreendidos não consta nem *madeira velha*... nem *armarios inserviveis*...

Meu caro Urbano: tu e os numerosos leitores do teu jornal, que se prounciem entre a afirmação do celebre ex-governador civil e mais celebre ex-deputado de «que nunca protegeu ladrões» e a que agora faço: ele e as comissões politicas, por intermedio do *dr.* José Barata, um dos oradores no Congresso, não só os protegeram, como defenderam e procuraram encobrir. Perdoa-me, meu caro, mas peço-te, não já em nome da nossa amizade, mas em nome da moral republicana, que me permitas a publicação, para amanhã, de uma outra e ultima carta. Abraça-te o teu amigo muito grato. — **Silverio Pereira Junior.**

A terceira e ultima carta do sr. Silverio Junior, por ser bastante extensa, só no proximo numero a inseriremos tambem.

E então se ficará sabendo quem fala verdade.

BENEMERENCIA

Um amigo deste jornal enviou-nos para entregarmos á entrevada Justa Salgueiro, sufragando, assim, a alma de sua mãe, a quantia de 5$00, que, em nome da contemplada, agradecemos reconhecidos.

Onde está ele?

O sr. Barbosa de Magalhães, pelo visto, não foi ao congresso do seu partido ou, se foi, não tugiu nem mugiu. Não deu acôrdo de si. Nada teve para dizer. Abandonou os correligionarios da sua terra. Converteu-se em pato mudo. Já não é o que era dantes. Caiu.

Sim; caiu o sr. Barbosa de Magalhães como cáem todos os nulos que sobem pela escada da aventura ou se guindam á custa de abjectas modalidades de caracter.

Resta só saber agora onde caiu, onde está ele para o recomendarmos ao Zé da Palhaça, muito entendido em negocios eclesiasticos e . . . do culto. . .

Para Barcelos

Afim de expôr e vender os seus artigos de funilaria na grande feira que se realisa por ocasião da Festa das Cruzes, parte hoje para aquela pitoresca vila o activo industrial, sr. Dionisio Coelho da Silva, que se faz acompanhar do seu ajudante Antonio dos Santos Silva.

Agradecimento

Manuel dos Santos Ferreira e seus filhos Dóra e Fausto, veem por este meio, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, agradecer a todas as pessoas que se interessaram pelo seu estado durante a grave enfermidade que os reteve no leito, testemunhando a todos a sua sincera gratidão por tantas provas de estima recebidas.

Ao seu medico assistente, Ex.mo Sr. Doutor Lourenço Peixinho, não teem palavras com que possam agradecer-lhe o cuidado, dedicação, carinho e muita amizade de que os rodeou nas diversas, mas sempre perigozas, fazes da sua doença, limitando-se portanto a depôr aos pés de S. Ex.ª o seu humilde, mas infinito reconhecimento.

Egualmente consignam a sua gratidão ao medico conferente Ex.mo Sr. Doutor Manuel Rodrigues da Cruz pela dedicação e estima de que lhes deu inumeras provas sempre que os seus serviços clinicos foram requisitados.

Esforçando-se por continuarem a merecer a todos, a consideração e amizade com que os distinguiram, subscrevem-se muito reconhecidos.

Aveiro, 25 de Abril de 1923.

Dóra de Rezende Ferreira
Fausto de Rezende Ferreira
Manuel dos Santos Ferreira.

Empreza Electro-Oceanica

E' convocada a Assembleia Geral desta Empreza para o dia 9 de maio, pelas 17 horas e meia, na sua séde, Estrada da Fonte Nova, sendo a ordem do dia:

1.º—Discussão e votação do relatorio e contas da gerencia do ano findo e respectivo parecer do Conselho Fiscal;

2.º—Emprestimo contractado segundo autorisação da Assembleia Geral em sua reunião de 19 de novembro de 1922;

3.º—Eleição de um membro da direcção para substituição temporaria de um outro que, por motivo de doença, se encontra impossibilitado de exercer o cargo;

4.º—Discussão e votação de qualquer outro assunto que interesse á Empreza.

Não havendo numero legal de acionistas para esta reunião, a segunda realizar-se-ha no dia 17 de maio á mesma hora e no mesmo local, ficando por esta forma feita a convocação.

Aveiro, 21 de abril de 1923.

O Presidente da Assembleia Geral,

(a) *Manuel Homem de Melo da Camara (Conde de Agueda).*

Empreza Central Portugueza, Limitada

E' convocada a assembleia geral dos socios desta Empreza para o dia 27 de maio proximo futuro, pelas 15 horas, na séde da mesma—Rua Almirante Candido dos Reis, n.º 90, desta cidade—afim de deliberar sobre a fusão ou dissolução da sociedade, ou aumento do capital social.

Aveiro, 27 de Abril de 1933.

Pela Empreza Central Portugueza, L.da

O gerente,

Antonio da Maia.

ILHAVO

LIQUIDAÇÃO DA PROVEDORIA ILHAVENSE

No proximo dia 13 de maio, ao meio dia, na rua de Camões e séde da «Provedoria Ilhavense», em Ilhavo, ha-de arrematar-se, sendo entregue a quem maior lanço oferecer sobre a avaliação que estará presente no acto da praça, o seguinte:

O predio, na referida rua;
O motor com todos os seus acessorios e ferramentas;
Uma bancada dupla de ferro, com mós francezas;
Um casal de pedras nacionais;
Um moinho Lanz e peneiras de sêda;
Sacaria;
Uma balança decimal e jogo de pesos;
Dois carros de ferro;
Uma carroça;
Duas caixas grandes para arrecadação de cerial;
Um barril de oleo;
Uma porção de carvão.